

**O Programa Idiomas sem Fronteiras Francês
na Universidade de São Paulo: ações de internacionalização para a
mobilidade acadêmica**

**The French without borders Program
at the University of São Paulo: internationalization actions for academic mobility**

Heloisa Albuquerque-Costa^{*}
Hyanna Dias de Medeiros^{**}

RESUMO: O processo de internacionalização das universidades brasileiras vem se desenvolvendo a partir de ações que envolvem a mobilidade acadêmica de discentes e docentes em diversos países. Na universidade de São Paulo, os acordos com as Instituições de Ensino Superior (IES) francesas têm um impacto na demanda por cursos de língua francesa visando à preparação linguística, acadêmica e intercultural dos participantes dos diferentes programas de intercâmbio. Nesse contexto, o Programa Idiomas sem Fronteiras-Francês tem um papel decisivo para a formação em Francês para Objetivo Universitário (FOU), para a elaboração dos programas e da metodologia de ensino (MANGIANTE, PARPETTE, 2011). O objetivo deste artigo é discutir como o IsF-Francês pode contribuir para a formação da comunidade universitária para a mobilidade acadêmica e quais são os caminhos para a expansão da internacionalização na Universidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da língua francesa. Programa Idiomas sem Fronteiras. Formação de professores.

ABSTRACT: The process of internationalization of Brazilian universities has been developing based on actions that involve academic mobility of students and teachers to different countries. At the University of São Paulo agreements with French higher education institutions have an impact on the demand for French language courses aimed at the linguistic, academic and intercultural preparation of the participants in the different exchange programs. In this context, the Languages without Borders French Program plays a decisive role in French for University Purposes (FOU), for the elaboration of programs and teaching methodology (MANGIANTE ; PARPETTE, 2011). The aim of this paper is to discuss how IsF-French can contribute to the formation of the university community for academic mobility and what are the ways to expand internationalization at the University of São Paulo.

KEYWORDS: Teaching of the French language. Languages without Borders program. Teacher training.

* Professora e pesquisadora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos de Francês da Universidade de São Paulo (USP). Suas áreas de pesquisa são: Formação de professores de francês, Didática das línguas estrangeiras, Ensino e aprendizagem do Francês para Objetivo específico (FOS) e Universitário (FOU) e Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Orienta Mestrado e Doutorado nestas áreas. Realizou seu pós-doutorado na Universidade de Lyon 2, na França, com Chantal Parpette, no laboratório de pesquisa ICAR (*Interactions, Corpus, Apprentissage et Représentations*).

** Professora de francês em escolas de línguas da cidade de São Paulo. (bacharelado e licenciatura – Francês/Português) pela FFLCH-USP e mestrado pelo Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da Universidade de São Paulo (USP) na área de didática do francês. Atualmente, é doutoranda do programa de pós-graduação LETRAS da Universidade de São Paulo na área do ensino-aprendizagem da língua francesa.

1 Introdução

O processo de internacionalização das universidades brasileiras ganhou força por meio de ações que buscam fomentar acordos com Instituições de Ensino Superior (IES) de diversos países. Algumas das ações que demonstram essa afirmação são os programas de intercâmbio, as disciplinas, as conferências e os seminários ministrados em língua estrangeira, o incentivo à mobilidade discente e docente para a realização de projetos de pesquisa, pois demonstram o quanto as universidades estão cada vez mais sensíveis ao estabelecimento de acordos e parcerias para concretizar uma política de internacionalização no Brasil.

Nesse sentido, o setor de relações internacionais de cada universidade tem obtido maior destaque. Observa-se ainda, com relação a tal setor, a promoção de diálogos e de incentivo à realização de ações concretas de internacionalização entre as IES brasileiras e estrangeiras, em parceria com os setores de educação e de pesquisa. Os reflexos dessas políticas institucionais são a consolidação de acordos internacionais e o oferecimento de bolsas de estudos, seja de financiamento interno seja de agências financiadoras, como as da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em contrapartida, para o pleito de uma internacionalização eficiente, cada IES brasileira realiza projetos que visam a preparação linguística, acadêmica e intercultural da comunidade universitária, a fim de que seus discentes e docentes possam participar de programas de mobilidade em países estrangeiros.

No contexto da Universidade de São Paulo (USP), foi identificado um aumento nos índices de internacionalização em todas as áreas de conhecimento. A matéria assumiu tamanha relevância, que, em 2010, o item *Relações Internacionais* foi incluso no *Anuário Estatístico da USP*¹. Em análise comparatista, os dados demonstraram que o número de acordos de colaboração vigentes entre a USP e as IES estrangeiras passou de 667, em 2010, para 1709, em 2016²; proporcionando um aumento, de 1232 para 2551, da mobilidade acadêmica para os discentes de várias áreas de graduação.

No que diz respeito à pós-graduação da USP, o número de alunos de mestrado e de doutorado que realizaram estudos em universidades estrangeiras foi de 1819, somente em

¹ Documento publicado anualmente para divulgar os indicadores de desempenho da Universidade de São Paulo. Anuário Estatístico da USP. Disponível em <<https://uspdigital.usp.br>>

² Os últimos dados disponíveis no site referem-se ao ano de 2016 e sua publicação ocorreu somente em 2017.

2016. Em relação à mobilidade docente, no mesmo ano na universidade, foram realizadas 2171 missões internacionais de ensino e/ou pesquisa em diferentes países estrangeiros.

No que se refere aos países francófonos, a França aparece em destaque com 106 acordos assinados com a USP, tais como o Programa Brafitec e os programas de Duplo Diploma. , Faz-se importante frisar que desde o ano 2000 os alunos de engenharia da Escola Politécnica podem ser contemplados pelo programa de Duplo Diploma, desde que tenham dois anos de estudos nas Grandes Escolas francesas de engenharia de Lyon, de Paris, de Nantes e de Grenoble, entre outras. Outro programa de Duplo Diploma, mais recente, é o Programa PITES (Parceria Internacional Triangular de Ensino Superior) que prevê a mobilidade dos professores de direito da Universidade de Lyon para dar aulas na USP e dos professores de direito da USP para ministrar aulas em português na IES francesa. Esse deslocamento dos professores franceses para a USP permite que um número expressivo de estudantes da USP possa cursar em São Paulo as disciplinas previstas no acordo internacional. Após cumprirem com o número de créditos previsto, os alunos da Faculdade de Direito da USP recebem o diploma francês.

Acordos internacionais como esses demandam por parte da IES, no nosso caso, da USP, uma série de medidas relacionadas à recepção de professores franceses na universidade, à manutenção dos acordos e, sobretudo, à preparação linguística, acadêmica e intercultural dos participantes dos programas para que possam se adaptar ao meio universitário francês. Apesar de todos os acordos firmados com a França, a preparação dos alunos, anterior à mobilidade, ainda é algo que não está concretizado na universidade, pois depende de ações coordenadas entre diversos setores, da Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI), dos departamentos envolvidos na formação de línguas, do Centro Interdepartamental de Línguas da USP e também do Programa Idiomas sem Fronteiras-Francês, da Secretaria de Ensino Superior (SeSu) do Ministério da Educação do Brasil, do qual a USP faz parte desde 2017.

Isto significa que a implantação de uma política de internacionalização apresenta três dimensões: a primeira é uma dimensão institucional na qual os representantes da universidade atuam no favorecimento de ações para o estabelecimento de parcerias; a segunda dimensão é a acadêmica na qual os professores-pesquisadores responsáveis pelos acordos entre as universidades se ocupam do detalhamento dos projetos de cooperação ligados ao ensino e à pesquisa. A terceira dimensão é de ordem didático-pedagógica e se refere à política linguística

da universidade. Os professores-pesquisadores na área do ensino e aprendizagem de línguas podem desenvolver programas de ensino para a preparação linguística, acadêmica e intercultural da comunidade universitária que está inserida em projetos de mobilidade acadêmica. Além disso, ainda ligado à internacionalização, a formação em línguas estrangeiras pode ser dada aos funcionários de Relações Internacionais que estão em contato direto com as IES estrangeiras e utilizam a língua para se comunicar com os funcionários dos setores estrangeiros.

Considerando todos os aspectos levantados, o objetivo deste artigo é discutir, num primeiro momento, como deve ser, no âmbito da didática das línguas estrangeiras, a preparação linguística, acadêmica e intercultural dos alunos da USP para a mobilidade acadêmica, mais particularmente, no que se refere ao ensino do Francês para Objetivo Universitário (FOU); em seguida, discutir as características do Programa IsF e a implantação do Programa IsF-Francês na USP para a mobilidade acadêmica e, por último, nas considerações finais, apontar caminhos para a expansão das ações de internacionalização na Universidade de São Paulo.

2- O ensino do Francês para Objetivo Universitário (FOU): diretrizes de formação e programas de ensino

O ensino do francês para a mobilidade acadêmica tem como referência as publicações de especialistas franceses na área da didática das línguas como Jean-Marc Mangiante e Chantal Parpette (2010, 2011, 2012), Chantal Parpette e Julie Stauber (2014), Catherine Carras (2007), Catherine Carras, Océane Gewirtz e Jacqueline Tolas (2014) e, no Brasil, as pesquisas desenvolvidas na área se iniciaram com as ações desenvolvidas em universidades federais como na Universidade de Pernambuco (BOUCHEAUNNEAU, N.; GALLI, 2017) e na Universidade de São Paulo (ALBUQUERQUE-COSTA, 2016a ; 2016b).

Os estudos mostram que o ensino da língua para a inserção e adaptação dos alunos no meio universitário estrangeiro deve ser concebido a partir da identificação das situações de comunicação oral e escrita às quais os alunos estarão confrontados. A "*démarche méthodologique*" (MANGIANTE; PARPETTE, 2004) a ser adotada prevê, portanto, a identificação das necessidades dos alunos para, a partir daí, se chegar à elaboração do programa de ensino. Trata-se do ensino da língua voltado a um contexto e a um público

específico, o que, no caso do ensino da língua francesa, é denominado de ensino do Francês para Objetivo Específico (FOS), sendo que para o meio acadêmico se trata do ensino do Francês para Objetivo Universitário (FOU).

Assim, para se definir quais cursos FOU uma IES vai oferecer, quais conteúdos serão abordados, quais objetivos de aprendizagem serão definidos e, sobretudo, como as atividades serão elaboradas e desenvolvidas com os alunos, é necessário passar pelas 5 etapas da "*démarche méthodologique*", a saber, a **identificação das necessidades** de comunicação oral e escrita do contexto no qual os alunos serão inseridos; a **análise didática** dessas necessidades para a elaboração do programa de ensino; a **coleta de dados**, ou seja, o levantamento dos documentos orais e escritos que serão utilizados no curso e que estão de acordo com a análise feita anteriormente; a **análise didática dos documentos** para seleção dos que serão utilizados no programa de ensino e, finalmente, a **didatização dos documentos** orais e escritos, etapa formativa fundamental para a formação dos professores que vão ministrar o curso.

Segundo os autores, após a realização das etapas acima, o curso FOU está pronto para ser ministrado e "a aula preparada é a concretização de todo o procedimento de reflexão sobre as necessidades, a busca de informações sobre a área, a coleta de dados e a elaboração de documentos pedagógicos". (MANGIANTE; PARPETTE, 2004, p.79).

Esse processo traz como consequência a necessidade de se repensar as formas de ensinar e aprender, uma vez que os objetivos a serem atingidos são específicos, as unidades didáticas são elaboradas a partir de um material autêntico não presente nos livros didáticos e o programa de ensino pode se referir ao desenvolvimento de uma competência em particular ou mais de uma.

Esta reflexão para a formação de professores é necessária na medida em que os cursos de línguas estrangeiras ministrados no contexto brasileiro seguem as orientações de um ensino mais generalista, ou seja, os objetivos de aprendizagem são mais gerais e respondem a diversas demandas, sem um foco específico em um determinado contexto. Nas escolas de línguas é o livro didático que orienta a progressão dos conteúdos baseado em situações de comunicação do cotidiano e nos itens gramaticais e lexicais, o que significa uma concepção de ensino que parte do simples ao mais complexo. Trata-se, portanto, de uma concepção linear de ensino que supõe cursos de longa duração e o desenvolvimento das competências orais e escritas de forma igual.

Mas quais seriam as diferenças entre um ensino de língua mais generalista e um voltado a um contexto específico? Os aspectos que podem ser comparados são os objetivos, o público-alvo, a duração da formação, o material utilizado, as atividades e o que os professores têm como referência de formação para ministrarem os cursos, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 – Ensino geral e o ensino específico de línguas estrangeiras

	Ensino geral	Ensino específico
Objetivo geral	4 competências – situações de comunicação do cotidiano – livros didáticos	Competências definidas segundo as necessidades de comunicação em contexto específico (profissional e acadêmico)
Público-alvo	Todos	Profissionais e comunidade acadêmica
Duração dos cursos	Longo prazo	Curto prazo
Programação	Objetivos e conteúdos dos livros didáticos	Objetivos e conteúdos específicos – necessidades do (s) contexto(s)
Material utilizado	Pronto (livro didático)	A elaborar
Atividades em sala	Prontas	A elaborar
Formação de professores	Referência nos Cursos de Letras	Específica – não existe disciplina nos Cursos de Letras

Fonte: Elaborado pelas autoras

Um dos aspectos a ser considerado no ensino do Francês para Objetivo Universitário (FOU) se refere à formação de professores que se preparam para ministrar os cursos de línguas em contextos específicos. No ensino generalista, os professores têm conhecimento e familiaridade com a maneira de ensinar e com o material didático, uma vez que passaram por esse processo na universidade ou em uma escola de línguas, o que não ocorre com o ensino FOU.

Nesse sentido, para a concepção de programas FOU, é necessário rever as experiências de ensino e aprendizagem, pois se trata, neste caso, de ações didático-metodológicas que levam o professor a elaborar os programas de ensino, definir os conteúdos que serão

abordados em sala de aula e as formas de trabalho e de avaliação. Todo este trabalho tem por objetivo maximizar o contato do futuro intercambista com as possíveis situações de comunicação orais e escritas e, também, com os documentos que circulam no meio acadêmico francês.

Um exemplo concreto de uma situação própria ao meio universitário francês é quando tratamos do desenvolvimento da compreensão oral de aulas expositivas em língua francesa. De acordo com especialistas da área (PARPETTE, 2008), a compreensão oral é apontada como “elemento crucial” no processo de adaptação do estudante estrangeiro em função do “lugar ocupado pela escuta dos cursos no sistema universitário francófono” (Id. 2008, p. 114). A modalidade de aula é conhecida como *Cours Magistral (CM)* e representa grande parte das experiências de comunicação vivenciadas nas IES francesas, pois constitui parcela considerável dos créditos de um determinado programa. Essa modalidade, própria ao meio universitário francês, é constituída por “densos discursos de transmissão disciplinar” (MANGIANTE; PARPETTE, 2012, p. 148) e exerce papel central na construção de conhecimento que será, posteriormente, solicitado pelos diferentes mecanismos de avaliação para indicar o aproveitamento acadêmico do aluno. Assim, a elaboração do material didático supõe que o professor seja formado para compreender e analisar discursivamente o texto que é produzido na aula. É este trabalho que leva a uma boa didatização do documento oral.

Se considerarmos outros estudos na área da didática do ensino-aprendizagem da língua francesa (GREMO; HOLEC, 1990; PORCHER, 1995; CORNAIRE, 1998), a compreensão oral é mencionada como uma das competências mais difíceis de desenvolver e imprescindível à interação em contextos acadêmicos ou outros de contato com a língua estrangeira.

O ensino da competência de compreensão oral é, portanto, uma necessidade identificada do contexto universitário e demanda do professor, além de um conhecimento didático-metodológico de como trabalhar esta competência (MEDEIROS, 2017), uma atenção mais detalhada para as etapas de didatização de documentos orais.

Além da compreensão oral, a partir de entrevistas concedidas por alunos que retornaram de programas de intercâmbio, outras temáticas FOU poderiam constituir programas de ensino, como segue abaixo:

- Apresentar-se em contexto universitário.
- Redigir e justificar um plano de estudos.

- Interagir nos diferentes serviços do campus.
- Redigir relatórios (laboratório e estágio).
- Organizar e apresentar um *exposé*³.
- Compreender e redigir resumos de artigos científicos.
- Preparar uma entrevista de estágio, entre outras.

A elaboração de programas de ensino a partir dessas temáticas coloca para o professor a tarefa de aplicar as etapas da “*démarche méthodologique FOU*” para elencar os objetivos comunicativos, linguísticos e interculturais que serão desenvolvidos, definir qual será o nível de competências de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência (doravante QECR) e selecionar os documentos que serão didatizados.

No que se refere aos documentos que integrarão o programa de ensino FOU, o professor dispõe de algumas indicações como, por exemplo:

- Informações no site das IES francesas.
- Entrevistas com alunos que voltaram de programas de intercâmbio.
- Ementas das disciplinas no curso de origem e no curso da IES francesa.
- Aulas de cada área de conhecimento disponíveis na Internet (<https://www.canal-u.tv>).
- Formulários diversos relacionados à inserção do aluno na cidade onde ~~o aluno~~ ele vai estudar e na universidade.
- Mapa do campus.
- Documentos sobre o ensino superior no Brasil e na França.
- Vídeos de apresentações orais, entre outras.

Como já mencionamos anteriormente, o ensino do FOU demanda da parte do professor um investimento didático-metodológico, pois se trata de uma lógica de composição de competências que difere da lógica linear do ensino generalista de línguas estrangeiras.

Cada um dos programas tem objetivos específicos para o desenvolvimento de competências orais e escritas relativas ao meio universitário francês, tem uma carga horária diferenciada segundo as orientações do Programa IsF (16h, 32h, 48h, 64h) e pressupõe um

³ O termo *exposé* em português está ligado a uma apresentação oral e pode ser traduzido por seminário.

trabalho de didatização que é decisivo para a preparação do professor que vai ministrar os cursos.

Nesse sentido, como o Programa Idiomas sem Fronteiras Francês (IsF-F) pode contribuir para a formação linguística, acadêmica e intercultural dos alunos que se preparam para programas de intercâmbio na França?

É o que discutiremos na próxima seção.

3- O Programa IsF-Francês na USP: formação para a mobilidade acadêmica

A preparação linguística, acadêmica e intercultural dos alunos das IES brasileiras que pretendem se inscrever em programas de intercâmbio é realizada nas universidades brasileiras através do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), fruto de uma ação conjunta do Ministério da Educação (MEC), da Secretaria da Educação Superior (SeSu) e da CAPES. As ações realizadas favorecem a implantação de uma política de internacionalização e uma política linguística plurilíngue nas universidades brasileiras.

O programa tem uma natureza plurilíngue, pois é desenvolvido nas áreas de Alemão (IsF-Alemão), Espanhol (IsF-Espanhol), Francês (IsF-Francês), Inglês (IsF-I), Italiano (IsF-Italiano), Japonês (IsF-Japonês), Português para estrangeiro (IsF-Português).

No que se refere ao IsF-F, o número de universidades federais e estaduais que implantaram o programa é de 144 em todo o Brasil, com uma demanda de mais de 12.000 inscritos para os cursos oferecidos, demanda esta não atendida, pois os professores/bolsistas não recebem bolsas da CAPES como é o caso do inglês. Para as outras línguas, eles recebem uma bolsa institucional da própria universidade, uma solução que ainda não é definitiva para o atendimento da demanda acima.

Para a implantação do IsF-F em todas as 144 universidades brasileiras, foi necessário contar com o apoio do Núcleo gestor do programa visando à inserção dos dados dos alunos no sistema do MEC, da organização das reuniões presenciais para confirmação de matrículas, da avaliação e registros no diário de classe, entre outras providências.

No Brasil e na Universidade de São Paulo, o início do IsF-F se deu no 2º semestre de 2017, por meio da oferta de um curso piloto de 16h, para o nível A2 do QECR, intitulado "**Aspectos culturais presentes em contexto universitário de países de língua francesa**". O

programa e o material didático foram elaborados por especialistas na área⁴ e foi dividido em três unidades didáticas:

Unidade didática 1 – *Premiers contacts en milieu universitaire.*

Unidade didática 2 – *Les systèmes d’enseignement supérieur au Brésil et dans les pays de langue française.*

Unidade didática 3 – *Elaboration d’un plan d’études pour étudier dans une IES de langue française.*

Em se tratando do primeiro módulo FOU nas IES, o trabalho de formação e acompanhamento que os coordenadores pedagógicos desenvolveram com os professores/bolsistas foi decisivo para a reflexão sobre a metodologia FOU, a organização das aulas, a utilização do material didático, as modalidades de trabalho em sala para o desenvolvimento das atividades, o gerenciamento em sala de aula das diferenças em termos do conhecimento linguístico que os alunos apresentaram, uma vez que nem todos haviam feito o nível A2 do módulo. A seleção dos documentos do curso levou em consideração os tópicos que foram abordados e as diferenças interculturais existentes nos sistemas universitários. As atividades visaram ao desenvolvimento de competências orais e escritas, a avaliação do programa de ensino, realizada pelos coordenadores pedagógicos e professores/bolsistas sobre os conteúdos, e a carga horária de 16h para ministrá-lo promoveram uma reformulação do programa .

A continuidade da implantação do Programa IsF-F se deu por meio da proposição de novos cursos FOU, aprovados pelo Núcleo gestor. Os programas foram elaborados para ampliar o catálogo de cursos de francês e responder às demandas de internacionalização das IES. O resultado do trabalho foi o seguinte:

- Comunicação oral: apresentar-se em francês - A1 16h.
- Introdução à mobilidade acadêmica em país de língua francesa - A1 32h.
- Primeiros passos em francês - A1 48h.
- Pronúncia, ritmo e entonação em língua francesa - A1 16h.
- Aprender a redigir uma *lettre de motivation* - A2 16h.

⁴ O material didático do curso piloto é inédito e foi elaborado por três professores especialistas, um da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), outro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e outro da Universidade de São Paulo (USP).

- Chegando na universidade: primeiras interações em língua francesa - A2 16h.
- Compreensão oral em contexto acadêmico: as aulas expositivas - A2 16h.
- Plano de estudos em língua francesa: produção escrita e apresentação oral - A2 16h.
- Pronúncia, ritmo e entonação em língua francesa - A2 16h.
- Projeto de mobilidade em países de língua francesa: preparação e apresentação oral - B1 32h.
- Pronúncia, ritmo e entonação em língua francesa – B1 16h.
- Pronúncia, ritmo e entonação em língua francesa - B2 16h.

A definição de quais cursos são oferecidos por cada universidade é feita pelos coordenadores pedagógicos, segundo os seguintes critérios:

- Conhecimento das demandas da comunidade universitária relacionada à internacionalização.
- Planejamento das ofertas de cursos durante o ano, segundo o calendário enviado pelo Núcleo gestor.
- Seleção e formação dos professores que ministrarão os cursos.
- Definição do acompanhamento aos professores.

Uma das questões centrais que é discutida pelo grupo de coordenadores pedagógicos se refere à comprovação dos conhecimentos linguísticos dos alunos, no momento da confirmação da matrícula. De acordo com as diretrizes do programa, os alunos devem apresentar para os cursos de A2, B1 e B2 um certificado de conhecimentos na língua francesa. O que foi observado nas IES é que essa comprovação é muito diversificada, ficando sob a responsabilidade do coordenador pedagógico validar ou não o documento que o aluno apresenta no momento da reunião presencial⁵.

No que se refere ao **IsF-F na USP**, tivemos, durante o primeiro e segundo semestre de 2018, uma professora/bolsista que ministrou os seguintes cursos FOU:

⁵ Um levantamento das certificações internacionais e de uma possível avaliação interna ao programa está sendo discutido pelo conjunto dos coordenadores e Núcleo gestor.

- Chegando na universidade: primeiras interações em língua francesa - A2 16h (oferecido no 1º e 2º semestres de 2018).
- Aprender a redigir uma *lettre de motivation* (carta de motivação) - A2 16h.
- Plano de estudos em língua francesa: produção escrita e apresentação oral - A2 16h.
- Compreensão oral em contexto acadêmico: as aulas expositivas - A2 16h.

De um ponto de vista geral, podemos dizer que a cultura de aprendizagem dos alunos para compreender a lógica de oferecimento dos cursos do IsF é ainda complicada na medida em que estão acostumados a se matricular em cursos generalistas e de longa duração oferecidos pelas escolas ou centros de línguas. Isto pode explicar o fato de que as turmas, apesar do oferecimento de 25 vagas para cada, ficaram com uma média de 10 alunos no final de cada curso.

As turmas foram formadas por alunos de graduação de diferentes unidades da USP e o material utilizado foi elaborado pelo coordenador pedagógico e professor/bolsista, além da utilização do material “*Etudier en francophonie/ Estudar em francofonia*” (EEF)⁶, projeto que foi desenvolvido com o apoio da Agência Universitária da Francofonia (AUF). As atividades do EEF estão disponíveis na plataforma da universidade de Lyon⁷ e outros que foram inseridos no decorrer de cada curso. O programa de ensino permite que diferentes documentos possam ser trabalhados, o que é um dos pontos positivos uma vez que o trabalho de didatização é contínuo e formador.

Após a avaliação dos cursos FOU em 2018 na USP, as reflexões que se colocam dizem respeito à definição de diretrizes que orientem o planejamento do oferecimento de cursos FOU para 2019. O reconhecimento detalhado do contexto de ensino e aprendizagem, ou seja, das áreas de conhecimento que estão envolvidas nos programas de mobilidade acadêmica, é necessário para identificar a natureza do curso FOU. Por um lado, um curso

⁶ A Agência Universitária da Francofonia (AUF) reuniu especialistas da área do FOU para a elaboração de atividades específicas do meio universitário de países de língua francesa. Um conjunto de 40 vídeos foram filmados e didatizados para serem utilizados nas universidades brasileiras

⁷ A plataforma Claroline da Universidade de Lyon 1 hospeda as atividades do material “*Etudier en francophonie/ Estudar em francofonia*”. Este material foi elaborado por especialistas na área do FOU da França, da Bélgica, do Canadá e do Brasil e possui 40 vídeos com atividades de compreensão oral. O acesso é livre pelo site <<https://clarolineconnect.univ-lyon1.fr/>> - clicar em spiral connect (accès extérieurs) e colocar login invite_compte e repetir o mesmo para acessar as atividades.

cujo eixo temático seja mais transversal, podendo reunir na mesma sala de aula alunos de diferentes áreas e, por outro, um eixo temático mais disciplinar. no qual as necessidades específicas sejam consideradas, como por exemplo, a participação das engenharias nos programas de Duplo Diploma com as escolas francesas.

Além disso, a formação contínua dos professores/bolsistas, estudantes de Letras Francês e Português – Licenciatura é essencial para assegurar as diretrizes do Programa IsF, a compreensão e aplicação da metodologia FOU e a formação de novos professores cujo perfil atenda às necessidades do Programa IsF-F. Para assegurar a seleção de um maior número de professores/bolsistas, o apoio da Agência USP de Cooperação Nacional e Internacional (AUCANI) e da USP com a manutenção das bolsas institucionais é um importante aporte, pois permite a expansão da oferta de Cursos IsF-Francês na universidade.

Muito trabalho ainda há a ser feito em sinergia com o Programa IsF, o Centro Interdepartamental de Línguas ligado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e a coordenação pedagógica do IsF, responsável direta pelo planejamento e formação dos professores/bolsistas em FOU.

4. Considerações finais

A política de internacionalização de uma universidade está diretamente relacionada a uma política plurilíngue, na medida em que os acordos internacionais não se restringem a um único país, a uma única língua. A expansão das ações de internacionalização está relacionada à diversidade das áreas de conhecimento, aos projetos elaborados e executados em parceria com diferentes universidades, localizadas em diferentes países cujas culturas são diversas e marcam profundamente as questões ligadas à inserção e adaptação no meio universitário.

Assim, a preparação linguística, acadêmica e intercultural nas línguas estrangeiras para a mobilidade discente e docente é uma condição para a efetivação das ações de internacionalização de uma universidade. No mesmo sentido, a recepção de alunos e professores estrangeiros nas IES brasileiras pressupõe ações que possam desenvolver o ensino e a aprendizagem do Português como língua estrangeira (PLE).

Além disso, se considerarmos outros setores de internacionalização na universidade, a expansão da formação em línguas pode se dar junto aos funcionários dos serviços de relações internacionais, que estão diretamente em contato com os interlocutores estrangeiros para

organizar missões de professores, orientar alunos e encaminhar os documentos de mobilidade acadêmica dos alunos que vão para o exterior e dos que chegam na universidade.

Estabelecer uma política plurilíngue efetiva de ensino e aprendizagem de línguas significa compreender a área das línguas como área produtora de conhecimento e não como meramente prestadora de serviço.

O conceito de internacionalização passa a ter uma abordagem mais crítica que pode se estender a mudanças curriculares que visem mudanças de comportamento para o desenvolvimento de competências e habilidades, produção de conhecimento e mudança de comportamento de toda a comunidade. (LEASK, B, 2015).

As universidades brasileiras e a USP, em particular, universidade onde atuamos, pode seguir este caminho.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE-COSTA, H. Le cours de français à l'Ecole Polytechnique de l'Université de São Paulo: formations des enseignants et conception des activités FOU. In: BORDO, W; GOES, J. ; MANGIANTE, J.M. (Org.). **Le Français sur Objectif Universitaire** - Entre apports théoriques et pratiques de terrain. Arras : Ed. Artois Presses Université, 2016a.

ALBUQUERQUE-COSTA, H. Formation des enseignants à la démarche du Français sur Objectif Universitaire. In: ALBUQUERQUE-COSTA, H. ; PARPETTE, C. (Org.). **Français sur Objectif Universitaire: méthodologie, formation des enseignants et conception de programmes**. São Paulo: Humanitas e Paulistana editora, 2016b.

BOUCHEAUNNEAU, N.; GALLI, J.A. (Org.). **Le FOS et le FOU au Nord-Est du Brésil: quel avenir?** 1. ed. Recife: EDUFPE, 2017.

CARRAS, C. ; al. **Le français sur objectifs spécifiques et la classe de langue**. Paris: CLE International, 2007.

CARRAS, C. GEWIRTZ, O. ; TOLAS, J. **Réussir ses études d'ingénieur en français**. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble, 2014.

CORNAIRE, C. **La compréhension orale**. Paris : CLE International, 1998.

GREMMO, M.-J. et HOLEC, H. La compréhension orale: un processus et un comportement. In **Acquisition et utilisation d'une langue étrangère**. Le Français dans le Monde. Février – Mars. Paris: Hachette, 1990.

LEASK, B. **Internationalizing the curriculum**. New York: Routledge, 2015.

MANGIANTE, J-M. ; PARPETTE, C. **Le Français sur Objectif Spécifique** : de l'analyse des besoins à l'élaboration d'un cours. Paris : Hachette FLE, 2004.

MANGIANTE, J-M. ; PARPETTE, C. **Faire des études universitaires en langue française**. Le Français dans le Monde, Recherches et Applications, no. 43, Paris : CLE International, 2010.

MANGIANTE, J-M. ; PARPETTE, C. **Le français sur objectif universitaire**. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble, 2011.

MANGIANTE, J.M. ; PARPETTE, C. « Le Français sur Objectif Universitaire : de la maîtrise linguistique aux compétences universitaires » In **Synergies Algérie** 15, pp.147-166, 2012.

MEDEIROS, H.C.D. **O ensino da compreensão oral em Francês Língua estrangeira**: desenvolvimento de estratégias e formação do professor crítico-reflexivo. 2017. Dissertação (mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PARPETTE, C. ; STAUBER, J. **Réussir ses études d'Economie-Gestion en français**. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble, 2014.

PARPETTE, C. **De la compréhension orale en classe à la réception orale en situation naturelle** : une relation à interroger. In *Les Cahiers de l'Acedle*, v. 5, n. 1. Disponível em : <https://journals.openedition.org/rdlc>. Acesso em 2008.

PORCHER, L. **Le français langue étrangère** : Émergence et enseignement d'une discipline. Paris: Hachette, 1995.

Sites

Anuário Estatístico da USP. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br>

Agência Universitária da Francofonia. Disponível em: <https://www.auf.org/>

Platforma Claroline – Spiral Connect. Disponível em: <https://clarolineconnect.univ-lyon1.fr>